

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 22 de dezembro de 1901

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

## Velharias

Nem só os novatos no estudo gostam de férias, tambem d'ellas gostam, os que tem gasto annos no labor das letras.

Aqui estou eu, que tenho prolongado um periodo larguissimo de férias; e, apezar de ter sido chamado pela «Lagrima» á lição, não disse uma palavra, simplesmente por... malandrice.

Agora, que se trata de uma sabbatina, exige o bom critério do melhor *cabulista*, que se não abandone o posto e se repita com voz de saxophone—*alsum*—!

A chronicasinha com que o meu estimave collega—W—honrou as columnas da «Lagrima» em seu n.º 2 do X anno—«Velharias» é um quadro primorosamente desenhado e artisticamente colorido por mão de mestre, faltalhe todavia o toque da realidade do facto, que se desenhou e coloriu; pelo que soffre no seu merecimento; não por incompetencia do artista, mas pela infidelidade do informador,

Vou dizer-lhes como se deu o facto contado graciosamente pelo collega.

Morava af na antiga rua da Estrada, e em a casa que é hoje propriedade da viuva Fogaça, um ecclesiastico conhecido pelo nome de Padre Luiz de Ambrozio.

Ainda o cheguei a conhecer já muito velho, trajava sempre barina, grande capôte de cabeça e de grande golla, e chapéu de triangulo, sem lhe faltar nunca o inseparavel bengalão, que lhe servia de apoio. Padre Luiz d'Ambrozio tinha ditos e *partidas* de muita graça. Sei algumas d'elle, que agora virão a lume. Padre Luiz deve de ter morrido, ha, pouco mais ou menos, sessenta annos.

Padre Luiz era coreiro no Senhor da Cruz. Em uma tarde, em que vinha para o côro, dous garotos jogavam a pedrada no Campo da Feira; um atirava as pedras da banda do Senhor da Cruz, e outro de cá de cima. Aconteceu que, na passagem do Padre Luiz, uma pedra, que o rapaz de baixo atirava ao rapaz de cima, alvejou o Padre Luiz, que, sem dar signal de contrariado, proseguiu pacatamente no seu cami-

nho em quanto que os dous contendo res se debatiam a valer.

Como o rapazito não desconfiasse do Padre Luiz, que proseguia socegadoamente caminho do côro, viu-se agarrado pela gola da jaqueta, a que Padre Luiz lançara a sinistra, em quanto que, com a dextra, se desembuçava, e lhe applicava no *fresco* fortes dozes de bengalão:

Aii! Aii! Senhor Padre Luiz, grita o garôto, eu não atirava para vocemecê, eu atirava para aquelle!!

Pois para a outra vez, diz Padre Luiz com voz de soprano, atira para mim e dá n'aquelle, que eu não te bato—! E seguiu para o côro tendo feito cessar a guerra dos garôtos.

Ainda caberá nas enchansas d'esta chronica sabbatina. outra *partida* do Padre Luiz.

—Era Padre Luiz de Ambrozio homem bastante endinheirado.

Um caloteiro qualquer af de Barcellos tentou pregar-lhe o cão. Era á vinda para o côro, era á ida do côro, era de manhã e era de tarde, Padre Luiz perseguido pelo novo devedor, que pretendia 5 moedas de empréstimo.

Padre Luiz, cansado de produzir desculpas e enfalado por tamanha impertencia, diz lhe um dia: Homem, anda comigo; eu bem sei, que me não pagas; mas emfim, para te não aturar, vou emprestar-te as 5 moedas.

Aí vão os dous Campo da Feira acima; Padre Luiz embuçado no seu capotão, e o pretendente vendo se os bolsos das calças poderiam com os 50 pintos, até que chegaram a casa de Padre Luiz.

Uma vez recebido na salla o novo hospede, Padre Luiz fechou cuidadosamente as portas da salla, chegou duas cadeiras para juncto de uma meza, que estava no centro; mandou sentar o pretendente em uma das cadeiras, e elle sentou se *vis-a-vis* em a outra, que ficava em frente das gavetas da meza.

Padre Luiz abriu uma gaveta de onde ia exhumando pintos, que ia contando, enquanto que o outro, de olho arregalado para os luzentes crusados novos, se sorria de gosto; por se vêr na presença do thesouro que almejava, e que já tinha como certo.

Postos sobre a meza quatro castellos de dez pintos cada um e mais outro sobre os quatro

## LAGRIMA

que prefaziam os 50 pintos, diz Padre Luiz ao pretendente, mas sem fechar a gaveta:

Aqui tens tu as cinco moedas, que pedes.

Muito obrigado, sr. Padre Luiz.

Mas agora has-de dizer-me assim: Ora sr. Padre Luiz, Você é o Padre mais patife, mais devasso, mais ladrão, que tem Barcellos.

Oh! sr. Padre Luiz, isso não digo eu, não sr.

Ah! não dizes?! Pois não o levas; e, n'um volver de mão fez cair os cincoenta pintos dentro da gaveta, que fechou rapido.

Padre Luiz levanta-se, e diz ao caloteiro: Olha, se eu te emprestasse as 5 moedas, quando eu t'as pedisse, tu ias dizer aí pela villa isso mesmo, que eu queria que tu me disseses aqui, e que ninguem ouvia senão eu; e eu ficava com essas adjectivações e sem os cincoenta pintos, mas assim, podes ir dizer isso pelas lojas e pelas ruas; e embora eu fique com esses epithetos de patife, de devasso e de ladrão, fico cá com as minhas cinco moedas, que me tem custado a economisar.

E, d'este módo, se descartou Padre Luiz do impertinente caloteiro, que ia buscar lá, e saiu tosquia-lo—; tal como o gaiato da pedrada, com o fresco em braza—: para a outra vez atira para mim e dá no outro, que eu não te bato—.

Ha mais partidas do Padre Luiz d'Ambrozio que ficarão para o numero seguinte.

Archeologo.

O Francisco Lapuz ainda hoje é e será sempre, para nosso prazer, a par de um industrial activo e intelligente, um homem engraçado, que sabe tirar o melhor partido das grandes e das pequenas cousas, explorando-lhe o seu lado alegre.

Uma noite vinha elle em caminho do correio de Barcellos, afim de lançar uma carta á caixa da correspondencia e ali por alturas da antiga rua dos Lanterneiros, ouviu um som metalico semelhante ao d'um martello batendo na bigorna e verificou que elle partia da ourivesaria Lemos.

Bateu á porta d'aquella officina, primeira, segunda e terceira vez, até que ouviu, lá de dentro, muito cantadinho um: quem é?

—Gente de paz, disse em voz disfarçada o Lapuz e continuou: tenho uns calices e uma custodia, para vender.

—O' diabo, falle baixo, disse o Lemos.

—Perdão, eu não os roubei.

—Embora, descance que não compro furtos, nem roubos, mas é que sempre tenho ouvido dizer, e é mesmo assim: que «a gente até do seu deve sêr ladrão.»

E dito isto abriu-se a porta e assumiu ao limiar o nosso amigo Lemos, serridente e acarrador.

—Olha quem elle é! Entre sr. Francisco. Uma vez lá dentro o Lapuz—como de costume—começou a tirar partido de tudo.

Riu, fez rir, disse cousas várias—e o diabo.

Como as horas eram adiantadas, ia-se a retirar, sem nada dizer, porém o Lemos acudiu...

—E então a custodia e os... calices?

—O' diabo! Já me esquecia! Porém é preciso ir pôr a pé minha mulher.

—Então ella sabe-o?

—Sabe. Pois a cruz é a minha mulher e os calices são os meus filhos...

E quando o Lapuz demandava o correio e depois retrocedia regressando a casa, de Barcellinhos, ainda ouvia o Lemos: *tic tac* (ou *tac*) a bater em folha d'ouro.

Sr. Redactor.

Cumprindo o que prometti a grande numero d'amigos d'esta villa e Barcellinhos, venho declarar o seguinte, que peço faça correr mundo, com referencia ao vinho branco.



—«O vinho do Bessa é bom. Em Barcellinhos o melhor vinho é o da Mouca. O que vende o José Camarada é uma belleza, apesar do Domingos Vinagre dizer (e é mentira) que

## A LAGRIMA

tem aguardente. O de Torres Novas, vendido em casa do Torres e do Paula, é magnifico. O do Vieira, requinta em palador.

Cá está o

*Manuel Chiné.*

P. S.

Mando-lhe um desenho tirado pelo 3o Reis, d'um grupo em que estavamos: eu, o Rinhinho e o Não 'Te Faço Mal Nenhum, depois de provarmos de todos os vinhos que citei.

*Chiné.*

Oliveira dá azeitonas, mas nem sempre, desde que deixe de ser arvore e seja a freguezia d'esse nome—cá do concelho—. Offerece-nos ella, pois, não um desenoativo (prato) mas um acepipe, dos que gosta a «Lagrima».

E' o caso de que Thereza Fernandes e outros são auctores d'uma questão, em que ruez Manoel José Gomes e sogra Clamencia Maria Gomes.

Pois estes, só porque lhes constou que a Relação do Porto lhes dava sentença a favor—só porque constou—chamaram a muzica da freguezia e, comparecidos os fungágás—em numero de cinco—romperam a tocar muzica de cópos, até tocar a quebrado. Parecia muzica do inferno!!

Um dos executantes, de appell do Frade, ao retirar para casa, caiu n'uma poça cheia d'agua; o mestre assentou-se no seu instrumento, esmagando-o; outro, conhecido por Sineiro, não se foi agarrar a badalos, no estado em que estava, mas ás orelhas do seu director, que lh'as poz em papas.

Depois isto não foi só muzica e vinho e arroz de *caballau*, houve tambem muita cantiga ao desafio, por certo individuo chamado Verissimo, e mais um celebre José do Monte.

Este ultimo, ao retirar para casa, proxima da dos Auctores, tal era o *nevoeiro*, que veio ter a Barcellos.

E tudo isto sem a questão estar decidida!

### *Notas diversas*

—Ha em Barcellos um individuo que tem a monomania de sómente habitar predios das ruas—Duque de Bragança, Duque de Barcellos, Princesa D. Amelia, D. Maria Pia, Campo de D. Carlos, de D. Maria 2.<sup>a</sup> e de D. Luiz 1.<sup>o</sup>.

Será parente da familia real?

—A «Lagrima» offerece aos seus leitores um brinde de Natal com umas photographuras da Avenida do Cemiterio; a casa donde nasceu o nosso amigo Bento Moreira; o Campo de S. José no seculo passado; o Freitas barbeiro a passar no Campo da Feira. etc. etc.

—Encontrava-se ha annos em Braga, hospedado em casa d'um seu amigo, o conhecido Miguel dos Terceiros.

A' noite jogava-se o monte. Miguel collocou 240 réis em cima d'uma carta (o unico dinheiro que tinha) e, feito o jogo, perdeu.

Ouve-se um ruido estranho, pelo que Miguel é' reprehendido. Este encolorizado diz: Arrel perdi o meu dinheiro e não heide desabafar?

—Ante-hontem um vendeiro pediu n'uma loja: fazenda boa para fazer um fato indecente.

## VELHARIAS

*Barcellos no seculo passado*

As festas do Natal eram de uma grande alegria, unica. E ainda hoje o são. Parece que uma corrente electrica faz vibrar no mesmo pensamento todos os seres humanos—passar o Natal em familia—A festa do Nascimento do Redemptor tem d'estas cousas. E volta? como diz o Bentinho do Banco. Seguir-lhe as tradições, dizemos nós. O contrario seria erroneo, seria remar contra a maré, tão entranhadas e identificadas estão entre nós estas festas pela educação religiosa que, todos, recebemos.

Aproveitamos o ensejo de contribuir com a nossa boa vontade de que todos os nossos leitores, seja qual fôr a sua condição social gosem um Natal de alegria, paz e felicidade não se esquecendo dos ausentes, nem dos mortos queridos!... Morreram para o mudo, mas vivem em nossos corações!... A um brinde aos vivos corresponde uma prece para os mortos! e quantas se lhe offerecerem não são em demasia!...

\*

Um bando de rapazes chegados do grande centro da actividade humana, que, no norte do paiz, se chama Porto, resolveram, depois de comida a tradicional ceia caseira, ir cumprimentar familias de relações dando-lhes uma *gaitada* á porta.

O genero de musica escolhida, por mais facil adaptação dos instrumentistas, foi a banda marcial. Conseguido, por empréstimo, o preciso d'uma das bandas da terra para a improvisada *musica*, reunidos no local e hora marcada; começaram a sua faina, fazendo um verdadeiro desconcerto... que nem os diabos do inferno eram capazes de tal.

Depois de muito visitar, de muito caminhar e de muito tocar achavam-se em Barcelinhos quasi ás horas em que os gallos batendo tres vezes as azas e seguidamente um bello cócoróco annunciam o apparecimento da estrella de alva.

No regresso para suas casas notaram que um estabelecimento, ao cimo da rua Direita, ou seja, o que actualmente é pertença da sr.<sup>a</sup> Antonia de Jesus Simões, estava aberto, pois que o petroleo projectava para a rua um feixo de raios luminosos por uma frincha d'uma porta.

Lembraram-se ir beberriear qualquer liquido,

## A LAGRIMA

elles que tinham bebido vinho de todas as côres e procedencias, aguardente idem e licor idem. Foram entrando uns após outros, e o do bombo, para mais simplicidade, deixou o instrumento na rua.

Quando saíram, o bombo tinha desaparecido.

Exclamações de surpresa e desgosto, conjecturas sobre o triste fim do bombo e... cada um pueha da sua caixa de lumas, e de phosphoro acenso todos procuram o *pequeno* instrumento como se fosse qualquer moeda de prata! neu as boccas de lobo escaparam ás pesquisas!

Baldados trabalhos e perdidas as esperanças de se achar o bombo desceram a rua Direita, commentando o estranho caso, quando quasi a entrarem na estrada viram que n'esta e em frente da capella da Senhora da Ponte havia qualquer cousa de anormal. Pararam. A superstição fez-lhe ericar os cabellos e um caléfrio percorreu-lhes os corpos.

Encheram-se de coragem e caminham para o desconhecido que é, nem mais e nem menos, que o seu chorado bombo, muito manso e quieto

Pela sua forma especial e inclinação da rua veio rolando, rolando, rolando até que parou ali.

W.

### Correspondência de Espozende

Foi salvo ha dias pelo barco Mata-Violas d'esta villa, um navio sul-americano que andava na pesca do caranguejo e que esteve prestes... a afogar-se.

O Mata-Violas ia para o mar á sardinha e vendo o perigo eminente, abeirou-se do naufrago e na *solemnia verba* de Christo a Lazaro, ordenou-lhe:—*Surge et ambula!*... E o navio safou-se com medo... do João Lopes, que ia furibundo.

Faziam parte da tripulação do barco os nautas: João Zueira Lopes,—commandante, e secretario dos Estragos a Naufragos; João Judas Magalhães Iscariote,—photographo pyrogallico; Pantaleão Sameiro,—filho senior do Zê Duro; Daniel Missas,—correspondente da «Lagrima» e sobrinho do ex-Mór; Cerqueira Teixeira Gallego,—sabio; Francisco Mendes Meio Tostão,—*tasqueiro*, e Avelino Cretino de Moraes, dentista e secretario particular do Francisco Tarrío. No fim, os tripulantes comeram tremoços e beberam vinho... á *foison*.

Honra, pois, aos valentes nautas e ao seu capitão e chefe João Zueira...

—O sr. Avelino Cretino mandou pedir em casamento pelo seu *fac totum* Francisquinho, uma palida Julieta adormecida, que se recusou, por que estava... accordada. O sr. Cretino, furioso,—com a monomania do hymeneu ideal que vê em sonhos vagos quando, entregue aos braços de Morpheu repousa cansado das agruras do seu mister de onanista,—escre-

veu trez cartas anonymas, ao padre, á filha e ao espirito santo... d'orelha.

—*Oycleman* José d'Abreu comprou ha dias uma bicycletta nova em casa d'um saboeiro... velho. Parabens.

—O afamado quintetto d'Espozende mostrou-se no domingo passado no theatro Brazão, d'esta villa, tocando muito bem, *en secret*, e sendo muito applaudido... a fingir. Os *musicos* déram muita sorte... tambem a fingir, quando lhes pediram as *Calhandras*; mas, *in peto*, ficaram muito contentes porque—são *muzicos*—comeram no fim um alguidar cheio d'arroz e ganharam doze vintens... por cabeça.

O regente éra, como sempre, a nota mais grave... da musica.

—Anda com a cara inchada o sr. Pinta Ferreiros, eximio guitarrista... sublunar. Sentimos.

—Foi pedida em casamento a criada do Mendes pelo sr. Avelino Cretino de Moraes, que quer casar a todo o risco, dê por onde dér.

*Le monde marche*,—dizia Eugéne Pelletan.

—O sr. Alvaro Pinheiro Manso, repassado de dôr... e de remorso, está escrevendo em hyperbolicos e maguados versos, um grande poema biologico intitulado—«Amores d'Apulia».

O poeta—assassino escreve o necrologio da sua victima e invoca-a nos seguintes sentidos versos:

—A' inolvidavel Branca, suicidada por amor de mim quando regressava... a penates:

«Carmes! carpi d'emoção!...  
Desfere-te, oh minha lyra!  
Qu'eu sinto aqui uma pyra  
Corroer-me o coração!...

.....  
Fui eu e o Avelino..

.....  
Alma branca de *Sinhá*,  
Perdoa-me! sim, perdoa-me!..  
Que este remorso atordo-a-me!

.....  
Mas tu não serás tão má  
Que m'olvides, minha amada,  
Por morrer... suicidada!..

..... bateu-me!...

.....  
Agóra, com medo d'ella,  
Vou sempre pela viela;  
Vou aqui pelo atalho  
Para o trabalho.»

Obra choruda e bellos versos, não ha duvida nenhuma.

E, *homit soit qui mal y pense*.

D. Missas.